

---

## A morte de Diana, Princesa de Gales: Mediatização e mitificação

*The death of Diana, Princess of Wales: Mediatization and mythification*

**Isabel Simões**

---

**Edição electrónica**

URL: <http://journals.openedition.org/cp/9972>

DOI: 10.4000/cp.9972

ISSN: 2183-2269

**Editora**

Escola Superior de Comunicação Social

**Edição impressa**

Data de publicação: 30 junho 2005

Paginação: 27-39

ISBN: 1646-1479

ISSN: 16461479

**Refêrencia eletrónica**

Isabel Simões, « A morte de Diana, Princesa de Gales: Mediatização e mitificação », *Comunicação Pública* [Online], Vol.1 nº1 | 2005, posto online no dia 30 novembro 2020, consultado o 05 dezembro 2020. URL : <http://journals.openedition.org/cp/9972> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/cp.9972>

---

Este documento foi criado de forma automática no dia 5 dezembro 2020.



Comunicação Pública Este trabalho está licenciado com uma Licença Creative Commons - Atribuição-NãoComercial 4.0 Internacional.

---

# A morte de Diana, Princesa de Gales: Mediatização e mitificação

*The death of Diana, Princess of Wales: Mediatization and mythification*

Isabel Simões

---

- 1 Segundo Daniel Dayan e Elihu Katz, um acontecimento mediático é por definição “um novo género de narrativa que emprega o potencial único dos *media* electrónicos para exigir uma atenção universal e simultânea, com o objectivo de a fixar numa história que está a ser contada sobre a actualidade. Estes são os acontecimentos que envolvem o aparelho de televisão numa espécie de aura e que transformam o acto de assistir.” (Dayan & Katz, 1994, p. 17)
- 2 Quando a BBC a partir das 6.40 da manhã do dia 31 de Agosto de 1997 decide interromper a sua programação normal, para se dedicar em exclusivo à cobertura do desastre que vitimara a Princesa de Gales, tinha a noção perfeita de que estava perante um acontecimento mediático de enormes proporções. Com efeito, o funeral de Diana, o mais mediático de todos os acontecimentos fúnebres de que há memória nos últimos tempos, fez reviver, no âmbito da comunicação de massas, o poder mobilizador dos *media* para criar comunidades simbólicas e promover um espírito de unidade, ao instaurar na ordem do quotidiano uma dimensão interruptiva, ou, se preferirmos, um tempo sagrado, cujo propósito celebratório e intenção épica são assinaláveis.
- 3 Ora é a construção discursiva dessa unidade nacional alicerçada na aparente partilha de um sentimento de dor e de luto que urge ser analisada à luz de um processo contínuo de mediatização e comercialização da cultura contemporânea. Não nos devemos esquecer, como nos diz Norman Fairclough, que as notícias, mais do que nunca, são bens culturais de consumo, sujeitos à lógica do mercado num mundo onde existe uma tensão permanente entre o serviço público e o imperativo comercial, a esfera pública e a privada, a informação e o entretenimento.  
“The press and commercial broadcasting are pre-eminently profit-making organizations, they make their profits by selling audiences to advertisers, and they do this by achieving the highest possible readerships or listener/viewer ratings for the lowest possible financial outlay. Even non-commercial broadcasting

organizations such as the BBC are subject to a parallel market logic: they are in competition with commercial broadcasting, and they rely upon their ratings to justify to the government and the public the licence fees which people are required to pay.

Media texts and programmes are from this perspective symbolic, cultural commodities, produced in what is effectively a culture industry, which circulate for profit within a market” (Fairclough, 1995, p. 42) .

- 4 O fenómeno “Diana”, a começar pelos bouquets de flores, as multidões, os ecrãs gigantes instalados em Hyde Park e noutros pontos centrais de Londres e, por fim, a justaposição entre o clássico e o *pop* na Abadia de Westminster – um local onde repousam heróis nacionais, poetas e escritores –, surge à partida delimitado pela cultura de imagens e espectáculo da condição pós-moderna
- 5 – uma cultura que, segundo Frederic Jameson, já não é ideológica, na medida em que não é capaz de disfarçar as actividades económicas da sociedade capitalista, mas é, ela própria, uma actividade económica, porventura das actividades económicas a mais importante de todas (*apud* Storey, 1993, p. 171).
- 6 Tentar, neste caso, avaliar as manifestações de solidariedade a nível local e global implica necessariamente equacionarmos a interacção produtiva que se estabelece não só entre os factores de ordem económica e política, mas também entre os factores de ordem estética. Antes de mais, o processo de produção destes acontecimentos está relacionado com as artes do jornalismo e da narração, o que requer, como referem Dayan e Katz (1994, p. 31), uma análise sobre como a história é enquadrada, como se suscita o interesse, como o acontecimento congrega sancionamentos, ou, ainda, como o pessoal responsável pela transmissão é organizado para conferir maior impacto ao acontecimento. Num pólo oposto – o da recepção de notícias –, também não podemos descurar que o processo de construção de significados por parte das audiências não segue de modo rígido o modelo iluminista da racionalidade. Ele insere-se num campo mais vasto da psicanálise e da antropologia cultural, onde os desejos profundos e os presumíveis elos de contiguidade emotiva, assim como o mito e as estruturas narrativas do imaginário humano, desempenham um papel importante na formação de identidades sociais e na espontaneidade de resposta por parte de uma audiência que se deseja atenta e empenhada.
- 7 Neste caso particular, a estética da produção deste acontecimento mediático é desde logo marcada por uma mudança de ênfase: Diana, que, até à altura, era apresentada como uma figura frívola e inconstante, adepta do luxo e de um estilo de vida opulento, passa a ser representada como um epítome de caridade e bondade, passível de ser identificada com *Madre Teresa*; em resumo, uma mulher extraordinária e, além do mais, capaz de ser definida em função do seu afecto maternal.
- 8 Mesmo a sua relação com Al Fayed<sup>1</sup> é romantizada por forma a um dia poder coadunar-se com o ideário romântico das grandes histórias de amor – para sempre dissipada no momento da sua possível consumação – e com a visão de uma sociedade multicultural, indiferente ao estigma da raça.
- 9 Na véspera do funeral, “Diana, the People’s Vigil” foi apresentado por David Dimbleby, um dos apresentadores mais famosos da BBC: “ ‘Big Ben in London telling us that it’s just after half-past ten: and the thoughts of the whole country are turning towards this part of the city, to Westminster Abbey, whose west front is floodlit tonight...’ “ (*apud* Blain & O’Donnel, 1999, p. 128). Após a apresentação inicial, são projectadas uma série

de imagens em câmara lenta de Diana como mãe, ajudante dos idosos e dos doentes, na companhia de *Madre Teresa*, interrompidas só de vez em quando pela imagem de lírios, tendo como pano de fundo o som nostálgico de uma música de piano. E, logo a seguir, pode ouvir-se: “ ‘ Tomorrow is the culmination of a week of mourning public grief after the sudden death of the Princess on Sunday in Paris. It all began with a few flowers being laid outside Kensington Palace. At the end of the week, it ended with a torrent of visitors with millions of bunches of flowers, many of them with moving messages attached to them. Our country discovering a shared grief for a Princess who seemed to touch them as no other person has. Tonight the streets along the route of the funeral procession are lined with people keeping their spaces for tomorrow, waiting for the dawn. And Jill Dando has been with them.’ “ (*apud* Blain & O’Donnel, 1999, p. 128)

- 10 Jill Dando, uma das repórteres destacadas no centro de Londres, dá sequência à narrativa de pesar, que funciona ao mesmo tempo como uma poética celebratória de coroação: “ ‘ Well this is the scene in the Mall this evening, already hundreds of people lining the route prepared for a damp, possibly showery night, so that they can pay their respects tomorrow to Diana Princess of Wales. People have been coming from all over the country to really ... be a symbol of a United Kingdom, a kingdom it seems already so united in grief. People have all their own memories of Diana, they want to share them with other people, they talk about her constantly, they also are rather shocked and still have a lot of disbelief that such a young woman, such a vibrant, caring young woman has had her life cut so tragically short ...’ “ (*apud* Blain & O’Donnel, 1999, p. 128)
- 11 As referências contidas nos exemplos que acabamos de dar, sendo construções ideológicas, são inteiramente criadas por forma a acentuar a compaixão, a genuinidade de dor e unidade nacional, que, ao que parece, se estendem muito para além de quaisquer barreiras, sejam elas de origem social ou política.
- 12 Tony Blair, o autor político do novo consenso, dá um contributo notável para este tipo de formação discursiva, ao apelidar Diana “A Princesa do Povo” (*The People’s Princess*), fazendo-a, assim, distanciar-se da autoridade e do poder há muito estabelecidos.
- 13 Após dezanove anos de governos conservadores, o Partido Trabalhista chega ao poder no dia 1 de Maio de 1997 com um novo tipo de discurso. Um discurso que privilegia um sentido de comunidade e solidariedade por oposição à lógica individualista do período anterior, que se pautava pelo incentivo da iniciativa pessoal nos vários domínios da actividade socioeconómica, desde, por exemplo, a educação à saúde. Tratava-se, por outras palavras, de uma lógica que, segundo alguns analistas, visava pôr fim a qualquer valorização pública significativa do conceito de comunidade orientado para a obtenção do bem comum. Embora a política económica de pendor neo-liberal subsista com Blair, a realidade é que o discurso que deu origem à vitória da nova maioria adquire novos contornos retóricos, e um deles consiste, resumidamente, em valorizar “o povo” em vez do “indivíduo”. De acordo com Basil Bernstein (*apud* Hey, 1999, p. 70), a entrada de Blair para o centro da cena política caracteriza-se pelo lançamento de uma nova identidade prospectiva, com base num conjunto de noções de comunidade(s), com vista a restaurar um sentido de responsabilidade, pertença e participação a nível local, tanto no domínio económico, como no cultural.

“[...] for many people in Britain their first encounter with the news was through replays of Tony Blair's performance to camera on Sunday morning after the car crash in Paris. Blair's speech was the statesman's threnody, fully appropriate both in its occasion and in its performance. There was more to the speech, however,

than the dignified respect paid to the passing of a public figure. This was a recently elected Labour prime minister, whose party had at least (overwhelmingly) overcome nearly two decades of Conservative Party government [...]. The Labour Party's overcoming of their (and our) opponents was however – perhaps inevitably – wrapped up in the rhetoric of a 'new' governance that was to return the political agenda somehow to 'us', to the interests of the 'people', and in such a way that our interests would be recuperated over and against the divisive ideologies of self-interest that had characterized the time of the previous administration. [...] Now, [...] the new prime minister was, it appeared, coming into his inheritance and ours, speaking on this Sunday morning on behalf of the people, speaking of 'the People's Princess', performing a rhetorical gesture of popular gathering over the symbolic capital of a significant dead body.” (Kelleher, 1999, p. 79)

- 14 Nesta ordem de ideias, a valorização democrática de Diana proposta pelo Primeiro-Ministro, muito embora ela nunca deixasse de gozar dos privilégios decorrentes do seu estatuto aristocrático, liga-se de forma algo subliminar ao novo projecto político que se caracteriza pelo desejo de um corte radical com o passado e o intuito de projectar uma nova imagem da Grã-Bretanha<sup>2</sup>. Porém, no entender de Elizabeth Wilson, o elo entre estes dois acontecimentos, ou seja, entre a vitória do Partido Trabalhista em Maio de 1997 e a morte de Diana, quatro meses depois, traduz-se tão-somente no predomínio da emoção sobre o conteúdo e na individualização de assuntos colectivos:

“Tony Blair appealed, and continues to appeal, to formless, vague yearnings for an undefined good. The Labour Party is identified as the person of Blair himself [...]. His evangelical style has been noted, and the Evita/Diana/Blair axis mobilises the emotions of the crowd in the service of what Stuart Hall named as 'authoritarian populism'. By this Hall meant the way in which a populist leader (he was writing of Margaret Thatcher) could ventriloquise popular feelings as a springboard for undemocratic moves. [...] Tony Blair appeared more consensual, at least to begin with, and attempted, with considerable success at first, to clothe the continuation of Thatcherist policies in more 'caring' language. The grief over Diana's death was supposed to create the impression that the 'caring', 'unified nation' was the same one that voted Tony Blair into power, and that in showing its feelings, the nation somehow endorsed Blair's 'vision' – whatever that really is.” (Wilson, 1998, p. 121)

- 15 Vistas assim as coisas, poder-se-á dizer que a reconstrução e mitificação de Diana, que só ocorre após a sua morte, é fruto de um complexo nexo de poderes que depende, como de resto qualquer forma de poder que não seja de natureza coerciva, da capacidade para impor significado. A filantropia passa a ser doravante a marca, por assim dizer, do seu novo fascínio, mas, se isso fosse realmente a verdadeira causa da deificação de Diana, a morte de *Madre Teresa* não deveria ter passado tão despercebida em termos mediáticos como passou. O mesmo se diria em relação ao nome de Jodie Williams, a mulher que ganhou o prémio Nobel por causa da luta contra as minas pessoais – uma figura feminina da qual hoje poucos se lembrarão.
- 16 É que a morte e as exéquias de Diana ocorrem dentro de um contexto de uma comunidade mediática de enormes proporções previamente existente. Tony Blair, e muito em particular a BBC, como referimos atrás, tinham plena consciência disto. Ao que parece, o funeral de Diana ofuscou o de *Madre Teresa*, dado que pudemos assistir ao nascimento de um mito, através da recombinação, como sugere Françoise Gaillard (1998, p. 160), de muitos dos mitemas que constituem a nossa sociedade actual: fama, riqueza, beleza, juventude, acidentes de automóveis...

- 17 Afinal todos sabemos como os *media* teceram em torno da vida e imagem de Diana uma narrativa, em variegados aspectos, evocativa do conto de fadas, da alegoria e do *romance*, desde o seu casamento com o Príncipe Carlos, a noiva virgem e posteriormente mãe de dois filhos, cujo amor é traído, até à rapariga inocente – dentro de uma linha narrativa hollywoodesca –, que se auto-descobre e se transforma, crescendo em vivências e maturidade. As formas dramáticas de apresentação com base em modelos ficcionais que reconfiguraram a vida de Diana em termos mediáticos – e que revelam possuir uma enorme eficácia através da combinação de elementos a-históricos e históricos, retirados quer do mito, quer da vida real – convertem-na, por excelência, num bem cultural de consumo, cujo mercado, ao contrário do de *Madre Teresa*, não é de forma alguma passível de ser negligenciado.
- 18 Com a sua morte, todo este conjunto de estruturas narrativas, por intermédio do qual se processa a construção de identidades colectivas e individuais, é elevado ao seu expoente máximo, de modo a conferir aos episódios do quotidiano, como referem Kear e Steinberg, uma dimensão épica indesmentível: “ the convergence of multiple narrations in the Diana events produced what seemed to be a ‘collective’ storyteller through whom fragmented, dispersed and differently told tales were rearticulated as new ‘grand narratives’” (Kear & Steinberg, 1999, p. 11).
- 19 Como consequência, Diana passa a ocupar, de acordo com os autores supracitados, uma zona de limbo entre o ícone, ou seja, a construção formal da cultura oficial, cuja quintessência é o ícone religioso, e a *iconicidade* (*iconicity*) (Kear & Steinberg, 1999, p. 7), ou seja, o efeito de um processo através do qual os indivíduos podem ser rescritos como figuras sociais culturalmente relevantes, capazes de fornecer espaços alargados de identificação subjectiva.
- 20 A ser assim, Diana, ou, mais especificamente, o significante “Diana”, passa a figurar como um texto em aberto, capaz de recodificar vários tipos de valores, movimentos ou aspirações sociopolíticas, passíveis de se traduzirem, segundo alguns críticos, no desafio desferido à rigidez e insensibilidade da monarquia em relação ao povo<sup>3</sup> (porventura responsável pelo desabrochar de um sentimento republicano nalguns sectores da sociedade) e num protesto colectivo contra os anos de ressentimento decorrentes dos consecutivos governos conservadores.
- 21 Mas, considerando o estatuto iconográfico de Diana, a meio termo entre o ícone e a *iconicidade*, não podemos deixar de questionar o valor épico da sua mitificação mediática, em termos comparativos com o código ético e actancial das grandes narrativas. A sua mitificação carece de profundidade dramática, de textura épica. Numa cultura de citações e intertextualidades, avessa, no entender de Frederic Jameson (*apud* Storey, 1993, p. 168), à criatividade primitiva, ela figura apenas como uma celebridade e não como uma heroína. Seguindo o raciocínio de Françoise Gaillard (1998, pp. 162-163), poderíamos indagar acerca da natureza épica dos seus feitos, que, como sabemos, simplesmente não existem. Recorde-se que o herói é por natureza uma personagem que se distingue do comum dos mortais pela natureza ousada das suas acções. Pelo contrário, no que toca à celebridade, o que conta não são os feitos ousados ou as explorações inusitadas – próprios para serem contados ou narrados segundo os padrões de uma cultura oral e escrita –, mas, sim, a imagem. Na idade da videoesfera, o símbolo vê-se preterido em relação à imagem, o que explica, em última análise, a cobertura pouco extensiva do funeral de *Madre Teresa* comparativamente com o de Diana. Para parafrasearmos Françoise Gaillard, diríamos que *Madre Teresa* é o exemplo

paradigmático de uma personagem da idade dos heróis transposta para o tempo das celebridades. Eis uma das razões por que não podemos olhar para a sua cara sem automaticamente nos lembrarmos de valores como a devoção, a caridade e os problemas do Terceiro Mundo. Pelo contrário, Diana não teve que experimentar a passagem obrigatória pelo reino do simbólico, uma vez que ela faz parte integrante do reino da imagem que a viu crescer. O seu legado, longe de ser uma história edificante e inspiradora, resume-se a um conjunto de fotografias. Assim, enquanto *Madre Teresa* nos deu uma dádiva dela própria, sacrificando-se pelos outros, Diana, pelo contrário, ofereceu-nos apenas a sua imagem.

“[...] what this postmodern icon really suggests is something on the lines of a Barbie doll. When the whole world's television news rummaged through its archive footage, what it produced was something very like a supermodel's press book. No need to add that Diana dolls are already on the market.” (Gaillard, 1998, pp. 165)

- 22 Paralelamente, dada a confluência da dialéctica do consumo e da emoção e a superficialidade daí resultante, não podemos deixar de voltar a questionar se a expressão popular de pesar e de dor, bem como de unidade nacional, construída pelos *media* antes, durante e após o funeral, não corresponderá, ao fim e ao cabo, a um simulacro de dor e de unidade. Com efeito, de acordo com Peter Gosh (1998, p. 41), mesmo as pessoas que se deslocaram até Londres fizeram-no em função das mensagens difundidas quer pelos jornais, quer pela televisão ou pela rádio.
- 23 Porém, a presumível inexistência de autenticidade ou a declarada falta de valor épico não retiram à cobertura mediática deste tipo de acontecimentos o seu enorme poder ideológico e/ou pós-ideológico – um poder que, ao tentar muitas das vezes entronizar a estética do melodrama em detrimento do modelo de comunicação do espaço público proposto pelo filósofo Jürgen Habermas (1984), promove a alienação, o silêncio e/ ou a pseudo-participação.
- 24 Peter Brooks<sup>4</sup> define o melodrama como um sistema de significação que emergiu na sociedade moderna dessacralizada a partir da Revolução Francesa. Uma vez que Deus deixou de ser o primeiro e último Significado, o melodrama foi construído para demonstrar a existência de um universo subjacente de forças e valores morais. Nesse sentido, o melodrama representa tanto a urgência de ressacralização, como a impossibilidade de conceber a sacralização de outra forma a não ser em termos pessoais. Por conseguinte, no entender de Elsaesser (*apud* Gripsrud, 1992, p. 92), o melodrama transfere os problemas sociopolíticos para um campo personalizado e metafórico, onde a *emocionalidade (emotionality)* ocupa um papel central.
- 25 Procuremos agora aplicar estes pressupostos teóricos ao caso de Diana. Referimo-nos naturalmente a Diana na sua dimensão semiótica, enquanto signifiante, eventual portador de significado ou significados políticos. Vimos, há pouco, como a co-relação entre a vitória do Partido Trabalhista e a galvanização do sentimento popular em torno da morte de Diana é entendida por alguns como um desejo de renovação política e cultural: em síntese, uma procura de “ ‘an imagined (better) community’ ” (Hey, 1999, p. 69).
- 26 Em *Candle in the Wind* – uma canção que fora escrita para Marilyn Monroe e cujo refrão fora adaptado às circunstâncias –, a luz e as flores, comenta Va lerie Hey (1999, p. 65), podem parecer um cliché, mas o que elas simbolizam é um movimento de oposição, um sentido de sensibilização e responsabilização sociais em relação ao Outro *versus* as forças do capitalismo financeiro, a globalização e as incertezas daí advenientes. A



aparente capacidade ilimitada de Diana para se aproximar dos outros e falar com eles distancia-a não só do comportamento reservado e pré-moderno da família real, como do carácter de uma figura feminina emblemática, *Mrs Thatcher*. No âmbito de uma lógica de oposições binárias, enquanto o nome de Diana se tornou sinónimo de compaixão, altruísmo, auto-sacrifício, desprendimento e proximidade, abolindo, assim, a distância entre *nós e os outros*, o de Margaret Thatcher é sinónimo de “Dama de Ferro”, o que significa, neste contexto, ego, egoísmo, separação, distância (Hey, 1999, p. 66-67). Ao que parece, o poder redutor do “amor” e dos “abraços” de Diana não poderia estar em maior desacordo com a hiper-racionalidade de Thatcher face à necessidade de afirmação económica, capacidade de iniciativa, trabalho árduo e disciplina.

- 27 Tendo em conta este cenário de introjecções e projecções psíquicas e a nova sociologia de inclusão social proposta por Tony Blair, Diana, “A Princesa do Povo”, torna-se, por outras palavras, “the ‘uncrowned princess of hope’” (Hey, 1999, p. 68). Só a esta óptica se compreende a manobra hábil de Tony Blair de apelidá-la “The People’s Princess”.

“I feel like everyone else in this country today. I am utterly devastated. [...] How many times do you remember her and in how many different ways with the sick, the dying, the children and the needy? When with just a look or a gesture that said so much – more than words – of her compassion and her humanity. We are today a nation in a state of shock, in mourning, in grief that is so deeply painful for us. [...] people everywhere, not just in Britain, kept faith with Princess Diana. They liked her, they loved her, they regarded her as one of the people. She was the People’s Princess and that is how she will stay, how she will remain in our hearts and our memories for ever.”<sup>45</sup>

- 28 Ora, o que neste limiar temos a fazer é indagar acerca dos efeitos perversos ou, pelo menos, pouco produtivos da estetização melodramática da política, potenciada pela ocupação mediática da esfera pública em função da luta pelas audiências. Uma das primeiras observações a tecer é a de que a estética do melodrama, na medida em que convida as pessoas a aderir com base nos sentimentos – dor, mágoa, amor, ódio, etc. –, desvirtua o sentido do debate público e o da confrontação de ideias, porque, em vez dos conteúdos cognitivos e do uso de ideias investidos na discussão de questões práticas e políticas, favorece a emoção, o que por vezes conduz a uma visão dicotómica e a-histórica dos problemas e da realidade. A emoção já não surge como um meio, mas como um fim em si, produzindo uma espécie de efeito catártico para atenuar as tensões sociais. Neste caso, poder-se-á afirmar, tal como Neil Blain e Hugh O’Donnell (1999, p. 134) sugerem argumentadamente, que o protesto de classe foi recodificado como emoção e o consenso foi salvo. O fosso social entre nós e os outros foi coberto pelo incitamento a participar, a conversar, a vir para as ruas, a chorar. A alucinação de proximidade que advém daqui corrói um sentido de distância e de estranheza; numa palavra, “[the] ‘imperceptibility ... of otherness’” (Bhabha, 1998, p. 109). O filósofo francês Claude Lefort atribui este efeito de intimidade a um mecanismo dos *media* modernos a que chama “[the] ‘constant illusion of a between us, an entre-nous’” (Bhabha, 1998, p. 109).
- 29 Nesta ordem de ideias, o que à primeira vista poderá ser entendido como algo progressista, sobretudo após se ter exaltado o “povo” como entidade política, não deixa de se revelar assaz conservador e populista.

“At the outset the Blair government’s rhetoric [...] stressed change both widely and unilaterally, to convey a sense of contrast with the sepulchral statemortis of John Major’s period in office. It soon became evident, however – even in the first months – that preservation was at least equally important to it. [...] the impact of Princess Diana’s death already had a more than emblematic importance. It



indicated how very far from revolutionary was the inner instinct of New Labourism. Confronted with incipient popular revolt against the prime symbolism of that time-worn Constitution it so wished (in rhetoric) to modernize, the government seems to have found itself calculating from the first instant how to save Monarchical face.” (Nairn, 2000, p. 21)

- 30 De facto, de entre outros efeitos, a intervenção de Tony Blair acabou por salvar a monarquia da sua visível falta de flexibilidade e competência para lidar com os *media* e a era da informação. Em vez de testar a instituição monárquica, Blair procurou resguardá-la. De um momento para o outro, vimos os Windsors abdicarem do seu pedestal, saírem para a rua, esperarem pelo féretro de Diana e misturarem-se com a cultura popular e a esfera afectiva da intimidade. Se é verdade que por uns instantes a Rainha Isabel II e o Príncipe Carlos puderam sentir-se humilhados e avaliar a popularidade de Diana por oposição à sua, não é menos verdade que os seus privilégios saíram reforçados. A coroa não abdicou, apenas ficou fortalecida.
- 31 Eis uma das razões por que Elizabeth Wilson (1998, p. 113) afirma com um tom algo mordaz que tudo isto não passou de um mito. Note-se que a autora utiliza o termo “mito” na sua acepção barthesiana, ou seja, enquanto sistema semiológico de representação que, ao articular ou evidenciar uma série de significados, silencia outros possíveis. Para seguir a proposta de Elizabeth Wilson, que é a de tentar desvendar o que não foi dito, isto é, descodificar aquilo que o mito esconde, haveria ainda a acrescentar que a caridade – um dos aspectos que ao longo de todo este ritual fúnebre foi enfatizado –, que depende da iniciativa privada, não pode substituir-se à esfera pública, isto é, a uma política orientada para um plano de saúde e educação mais justo e eficaz, matéria que, no seu entender, não tem distinguido este governo dos anteriores. Além do mais, o impulso para o novo e para o projecto de inclusão social proposto por Blair não pode ser desvinculado do poder das organizações transnacionais e da globalização económica que cada vez mais corroem a autonomia do estado nação. Por isso, ao estudarmos o mito de Diana, ou qualquer outra mediatização dramática, algo com que a actualidade cada vez mais nos pre-senteia, é preciso estarmos atentos à superficialidade da encenação e àquilo que ficou por dizer.

---

## BIBLIOGRAFIA

- Bhabha, H. (1998) Designer creations. In Merck, M. ed. *After Diana*. London, Verso, pp. 103-110.
- Blain, N. & O'Donnel, H. (1999) Constructing the people's princess: the state of Britain and the death of Diana”. In D'Arcy, C. ed. *Culture and power: cultural confrontations*. Zaragoza, University of Zaragoza, pp. 121-136.
- Cohen, N. [et. al.] (1997) How Blair gave the monarchy a millbank makeover. *The observer*, 7 September, pp. 12-13.
- Dayan, D. & Katz, E. (1994) [1999] *A história em directo. Os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra, Minerva.

- Fairclough, N. (1995) *Media discourse*. London, Edward Arnold.
- Gaillard, F. (1998) Diana, postmodern Madonna. In Merck, M. ed. *After Diana*. London, Verso, pp. 159-167.
- Gosh, P. (1999) Mediate and immediate mourning. In Kear, A. & Lynn, D. eds. *Mourning Diana*. London, Routledge, pp. 41-47.
- Gripsrud, J. (1992) [1996] The aesthetics and politics of melodrama. In Dahlgren, P. & Sparks, C. eds. *Journalism and popular culture*. London, Sage Publications, pp. 84-95.
- Hey, V. (1999) Be(long)ing. In Kear, A. & Lynn, D. eds. *Mourning Diana*. London, Routledge, pp. 60-75.
- Kear, A. & Steinberg, D. (1999) Ghost writing. In Kear, A. & Lynn, D. eds. *Mourning Diana*. London, Routledge, pp. 1-14.
- Kelleher, J. (1999) Rhetoric, nation, and the people's property. In Kear, A. & Lynn, D. eds. *Mourning Diana*. London, Routledge, pp. 77-97.
- McGuigan, J. (2000) Death of a princess. *Anglo-saxónica. Revista de estudos anglísticos da Universidade de Lisboa*, série II, nº 12/13, Lisboa, Edições Colibri, pp. 327-349.
- Nairn, T. (2000) *After Britain. New labour and the return of Scotland*. London, Granta Publications.
- Pina, A. (1998) Mourning for Diana. *Anglo-saxónica. Revista de Eestudos anglísticos da Universidade de Lisboa*, série II, nº 8/9, Lisboa, Edições Colibri, pp. 235-238.
- Pryer, N. (1997) Romance that ended years of heartache. *The evening standard*, 1 September, p.47.
- Rozsnyai, S. (1997) A portrait of the man who brought happiness to the princess in the final weeks of her Life. *Hello*, nº474, 6 September, pp. 84-88.
- She will always be the people's princess. (1997) *The daily telegraph*, 1 September, p. 11.
- Storey, J. (1993) *An introductory guide to cultural theory and popular culture*. London, Harvester/Wheatsheaf.
- Wilson, E. (1998) The unbearable lightness of Diana. In Merck, M. ed. *After Diana*. London, Verso, pp. 111-125.
- Wintour, P. (1997) Blair saw Diana as an envoy for new Britain. *The observer*, 7 September, p. 6.

## NOTAS

1. Vd., por exemplo, Pryer (1997, p. 47) e Rozsnyai (1997, pp. 84-88).
2. Cfr., por exemplo, Wintour (1997, p. 6).
3. A este respeito, vd., por exemplo, Cohen *et.al.*(1997, pp. 12-13).
4. A este respeito, vd. Gripsrud, 1992, pp. 84-95.
5. She will always be the people's princess. *The Daily Telegraph*, 1 September, 1997, p. 11.

---

## RESUMOS

Este artigo examina a mitificação e a reconstrução épica da imagem de Diana após a sua morte. No contexto da cultura de imagens e espectáculo da era pós-moderna, a atenção recai sobre os significados inerentes à cobertura televisiva deste acontecimento trágico. Neste sentido, a estetização melodramática do funeral de Diana é inserida no seio da esfera política da nova maioria trabalhista, liderada por Tony Blair, e comparada ao impacte relativamente reduzido produzido pelo funeral de uma das grandes figuras de referência da Igreja do século XX, Madre Teresa, cuja morte ocorreu alguns dias depois.

This paper examines the process of mythification and epic reconstruction of Diana's image following her death. In the broader context of the post-modern culture of images and spectacle, the emphasis is placed upon the social and political meanings underlying the TV coverage of this tragic event. The melodramatic aestheticization of Diana's funeral is thus analysed in the context of the political sphere of the New Labour majority led by Tony Blair, and compared to the relatively minor impact produced by the funeral of one of the most outstanding Church's figures of the twentieth century, Mother Teresa, who died a few days after Diana.

## ÍNDICE

**Palavras-chave:** mito, imagem, símbolo, iconicidade, construção épica, mediatização, melodrama, alucinação

**Keywords:** myth, image, symbol, iconicity, epic construction, mediatization, melodrama, delusion

## AUTOR

ISABEL SIMÕES

Escola Superior de Comunicação Social  
Instituto Politécnico de Lisboa  
isimões@escs.ipl.pt